

TROCA DE EQUIPE

# Lula rejeita escolha de Jorge e Coutinho vai para o BNDES

Professor da Unicamp e sócio de consultoria, novo presidente do banco é especialista em política industrial

**Renata Veríssimo**  
BRASÍLIA

Por decisão pessoal do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o economista Luciano Coutinho irá substituir Demian Fiocca na presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A escolha de Coutinho demonstra que o presidente não abriu mão de interferir no BNDES e infligiu uma derrota ao recém-empossado ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge. Ele brigava pela nomeação de Gustavo Murgel, ex-executivo do Banco Santander. O mi-

nistro da Fazenda, Guido Mantega, defendia a manutenção de Fiocca no cargo, mas é afinado com a linha econômica de Coutinho.

Miguel Jorge e Coutinho estiveram ontem à tarde com o presidente, no Palácio do Planalto, por cerca de uma hora. O porta-voz da Presidência da República, Marcelo Baumbach, disse que o convite a Coutinho foi oficializado ontem e que a transmissão de cargo ocorrerá "oportunamente" na sede do BNDES.

Baumbach informou ainda que Fiocca poderá ser nomeado para outro cargo no governo. Ele é cotado para ser secretário do Tesouro Nacional, de-

salojando Tarcísio Godoy, que desde o fim do ano passado ocupa interinamente o cargo.

"O presidente julga que Fiocca ainda pode contribuir com o governo por ser um excelente quadro. No entanto, não está ainda definido o seu aproveitamento em outro cargo", afirmou o porta-voz. Ele disse que Lula considera que Fiocca realizou um excelente trabalho à frente do BNDES, consolidando-o como um banco de desenvolvimento.

Ao assumir o cargo, há cerca de 20 dias, Miguel Jorge garantiu que teria autonomia para decidir sobre a direção do banco e, praticamente, demitiu Fiocca

ANDRE DUSEK/AE-10/11/2006



**DESENVOLVIMENTISTA** - Coutinho trabalhou no governo Sarney

pela imprensa. As declarações do ministro levaram um grupo de governistas, como Mantega e o senador Aloizio Mercadante (PT-SP), a trabalhar internamente pela permanência de Fiocca. Miguel Jorge afirmou, em vários momentos, que sua preferência era por Gustavo

Murgel, com quem trabalhou no Banco Santander.

Mas também nunca descartou Coutinho, sinalizando que poderia prevalecer a vontade de Lula. A nomeação de Coutinho, no entanto, é uma derrota parcial para o ministro, que, como seu antecessor, Luiz Fer-

nando Furlan, não conseguiu fazer o presidente do BNDES, o principal órgão vinculado ao ministério.

#### **SANTANDER EM EXCESSO**

A indicação de Murgel não foi bem recebida por Lula, por ser um homem do mercado financeiro. O presidente manifestou o desejo de ter um "desenvolvimentista" na direção do BNDES, perfil que o governo considerava ser preenchido por Coutinho. Ele, no entanto, também tem experiência no mercado financeiro, embora tenha formação em política industrial.

Atualmente, é sócio-diretor da LCA Consultores, que presta consultoria econômica, e professor do departamento de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp), com especialização em economia industrial e internacional. Foi também secretário-executivo do Ministério de Ciência e Tecnologia no governo Sarney.

Sem querer, o presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles, criou dificuldades à indicação de Miguel Jorge. Ele também foi buscar nos quadros do Banco Santander o novo diretor de política monetária do BC, Mário Torós. Lula não gostou quando percebeu que seu governo teria três quadros oriundos da mesma instituição. ●

TROCA DE EQUIPE

# Indústria aprova Coutinho e espera apoio ao setor

Para empresários, o novo presidente do BNDES tem uma visão desenvolvimentista moderna

O setor industrial gostou da indicação do economista Luciano Coutinho para a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Empresários o consideram um "desenvolvimentista" e esperam dele apoio à indústria nacional e agilização na liberação de recursos.

Para o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, Coutinho "dará dimensão importante a esse que é o principal instrumento de política industrial do Brasil." Em sua opinião, ele tem experiência comprovada na passagem por funções públicas, bagagem na área acadêmica e relacionamento com a comunidade empresarial.

Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), disse tratar-se de profissional com importante "folha de serviços prestados ao País e com moderna visão desenvolvimentista."

O presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica

e Eletrônica (Abinee), Humberto Barbato, ressaltou que Coutinho tem conhecimento das necessidades da indústria nacional, pois demonstra preocupação com a taxa de câmbio e com a possibilidade de desindustrialização do País.

Barbato disse que o novo presidente do BNDES tem como principal desafio agilizar os procedimentos vinculados à liberação de recursos pelo Banco. "É fundamental que a liberação ocorra o mais rápido possível."

A Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústria de Base (Abdib) acha que Coutinho está em linha com os desafios que o Brasil tem, de promover investimentos, crescimento econômico e desenvolvimento social. Paulo Godoy, presidente da Abdib, disse que Coutinho sempre defendeu o desenvolvimento econômico e tecnológico da indústria brasileira e isso vai ao encontro das necessidades do Brasil.

O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Má-

quinas e Equipamentos (Abimaq), Newton de Mello, afirmou que ele é "um desenvolvimentista, não é uma pessoa que vai gerir o BNDES do ponto de vista apenas financeiro, mas com a ideologia do desenvolvimento do Brasil" e acrescentou que aguarda a ampliação de empréstimos em sua gestão.

O economista Antonio Barros de Castro, diretor de planejamento do BNDES, disse que é consenso que Coutinho é um dos grandes economistas industriais brasileiros. "Ele já era candidato no início do governo Lula, tem preparo e tradição no ramo."

O economista-chefe do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), Edgard Pereira, destacou que Coutinho tem bom conhecimento de política industrial. "Ele sabe da importância de se colocar em prática uma política industrial moderna." ● RODRIGO PETRY E MAR-

CELO REHDER

REPERCUSSÃO



**Paulo Skaf**  
Presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp)

"Ele é um profissional com importante folha de serviços prestados ao País e com uma moderna visão desenvolvimentista"



**Armando Monteiro Neto**  
Presidente da CNI

"(Coutinho) dará dimensão importante a esse que é o principal instrumento de política industrial do Brasil. Tem experiência em funções públicas, bagagem na área acadêmica e relacionamento com a comunidade empresarial"



**Paulo Godoy**  
Presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Base (Abdib)

"Coutinho sempre defendeu o desenvolvimento econômico e tecnológico da indústria brasileira e isso vai ao encontro das necessidades do Brasil!"

## Mudança estimula disputas no governo

**Fabio Graner**  
BRASÍLIA

A escolha do economista Luciano Coutinho para presidir o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) praticamente completa o processo de renovação da equipe econômica do segundo governo Luiz Inácio Lula da Silva. Agora, só falta o governo encontrar um lugar para o demitido Demian Fiocca, cotado para substituir Tarcsio Godoy no Tesouro Nacional.

As mudanças na área econômica, no entanto, preservaram uma composição que estimula o conflito entre "desenvolvimentistas" e "ortodoxos", característica marcante após o afastamento do ex-ministro An-

tonio Palocci. A indicação de Coutinho recupera parte do poderio perdido pela ala desenvolvimentista com a saída de Júlio Sérgio Gomes de Almeida da Secretaria de Política Econômica (SPE) no início do mês e sua substituição pelo ortodoxo Bernard Appy. Assim como Almeida, Coutinho faz parte do grupo de economistas que identifica na taxa de juros um fator determinante para a excessiva valorização do real ante o dólar.

Apesar de ter sido sócio de Bernard Appy - que, assume oficialmente hoje a SPE e será substituído na secretaria-executiva pelo ex-ministro da Previdência, Nelson Machado -, Coutinho tem linha econômica diferente do amigo. Na configuração atual do governo, deve

cerrar fileiras com o secretário de Acompanhamento Econômico (Seae), Nelson Barbosa, e com o próprio ministro da Fazenda, Guido Mantega.

Os três consideram que as taxas de juros representam, no momento, um preço fora do lugar na economia; que está distorcendo o valor do real e prejudicando o setor exportador. Esse grupo também tem uma visão menos radical da política fiscal. Embora nenhum deles queira uma gastança desenfreada, eles não acreditam que a economia vai crescer mais somente após um ajuste fiscal.

No lado ortodoxo, a nova correlação de forças revela enfraquecimento no BC, com a substituição de Rodrigo Azevedo por Mário Torós na diretoria de Política Monetária. Com perfil mais técnico, Torós deve votar com a ala linha dura no Copom, liderada pelo diretor de Política Econômica, Mário Mesquita, mas não será, como Azevedo, formador de opinião. ●